

Deponente: Leonardo Álvares Vidigal.

Entrevistadoras: Mariane dos Reis Cruz e Janaina Campos de Freitas Breugelmans

Data: 09 de junho de 2017.

JANAINA CAMPOS: Bom dia, hoje, dia 9 de junho de 2017, às 09h10min, aqui na Covemg, vamos realizar o depoimento de Leonardo Alves Vidigal, filho de João Fortunato Vidigal e Teresa Aurélia Alvares Vidigal. Estão presente eu, pesquisadora da Covemg, e Mariane Cruz. Pode começar o seu relato aí, por favor.

LEONARDO: Bom, eu gostaria de agradecer a oportunidade de poder falar um pouco sobre isso, sobre essas questões que são tão, na atual conjuntura, né, estão sendo até um pouco esquecida, assim. Eu acho que dada a possibilidade de retrocesso que nós vivemos, eu acho que é importante que essas histórias sejam contadas, que as pessoas saibam que o tipo de consequências que um estado totalitário tem. Não são só diretas, mas, digamos assim, também indiretas, né. Trazem sequelas, trazem traumas, né. Eu não sei, eu gostaria só de começar com uma história que eu nem sei se é verdadeira, porque meu pai me conta assim, de forma meio fantasiosa, mas porque existe uma peça, né, do (trecho incompreensível), chama "Um Edifício Chamado 200". É um edifício lá na Barata Ribeiro, em Copacabana, quase no meio dali, onde havia, muitos jovens moravam lá, e uma época, pelo que minha mãe me contou, ela morou lá, eu era bebê ainda e, segundo ela, ela foi forçada a fugir pela porta dos fundos, porque ficou sabendo que a polícia tinha invadido o prédio buscando algum aparelho, alguma coisa assim, né. E essa cena, assim, dela fugindo comigo nos braços, assim, isso é o que me vem, não sei também se é verdadeiro, talvez eu até tenha sonhado com isso, não sei.

JANAINA CAMPOS: Talvez esse seja de 68, quando eles foram presos?

LEONARDO: Talvez, é. Porque eu acho que eles, quando ela foi presa acho que ela deu uma escondida assim, foi, né, não sei se ela ficou na casa de um amigo lá nesse edifício. Eu vou saber direito essa história. Mas, é... Mas eu lembro disso por causa dessa peça, né, e eles até mudaram o número do edifício para não ter, ninguém ir lá, né, mas eu vi esse edifício, o edifício até bonito lá na Barata Ribeiro, que a arquitetura é interessante. Então a minha família tem essa, uma espécie de... Evento fundador,

assim, meu, pelas minhas, né, pela minha (...). Quando eu, desde que eu me entendo por pessoa, porque às vezes as lembranças dessa época são meio nebulosas, né, mas a perda do meu pai talvez seja o primeiro evento que eu me lembre. Quer dizer, esse trauma fez eu apagar quase tudo anterior a isso. Quando o meu pai foi encontrado morto em casa, no final do ano de 1972, eu ainda estava com 5 ano, ia fazer 6 em fevereiro, então a única coisa que eu me lembro são cenas muito fugazes, a gente soltando pipa no Aterro do Flamengo, e a minha mãe confirmou que a gente costumava fazer esse passeio, e algumas cenas noturnas, assim, não lembro bem. Mas o fato é que a minha primeira grande lembrança é a da minha mãe me dizendo, me comentando que o meu pai havia falecido, e isso foi... Engraçado, isso foi ali naquele terreno do antigo Hoje em Dia, antigo jornal de casa, né, que foi ocupado outro dia.

JANAINA CAMPOS: É...

LEONARDO: Eu fiz questão de ir lá nessa ocupação, sabe, meio que inconscientemente, nem lembrava disso, não. Eu fiz questão de ir lá assistir a palestra que o João Paulo fez lá.

JANAINA CAMPOS: Vocês estavam ainda lá quando o seu, quando a sua mãe contou?

LEONARDO: É, estava sendo construído aquele prédio, e eu tinha o hábito de brincar no canteiro de obras lá. E eu estava, eu acho que eu estava mais perto, eu nem sei se isso é verdade, não, viu. Pode ser imaginação minha. Eu me lembro que eu estava em uma daquelas máquinas escavadeiras lá, e ela veio na minha direção, assim, e me cortou, e eu também não lembro, mas segundo ela eu fiquei em estado de choque por várias horas, deitado, sem conseguir falar, sem conseguir me alimentar. Ela falou que eu estava em estado catatônico, na mesma hora estado de choque, né. O meu pai, como ele é, naquela época eles tinham uma política de sufocar as organizações, fichar as pessoas e seguir essas pessoas, não deixavam elas... O meu pai tentava, tentou vários empregos, ele chegou a trabalhar na Funabem, né, antiga Febem, hoje é.

JANAINA CAMPOS: Ah, tá.

LEONARDO: Que ele era (trecho incompreensível) pedagogia, né.

JANAINA CAMPOS: Pedagogia, é verdade.

LEONARDO: E ele tinha uns trabalhos com menores em situação de risco e tal, mas o SNI, ele não deixava ele ficar em emprego nenhum, isso, quando descobria que ele tinha arrumado emprego, eles iam lá e falavam assim, era fichado e não sei o quê.

Então ele ficava muito tempo em casa. Então ele cuidou muito de mim, sabe. E como ele tinha, estudou em pedagogia, ele anotou todas as fases do meu desenvolvimento, só que isso foi jogado fora pelos amigos da minha mãe, porque eles entraram no apartamento, no nosso apartamento logo depois que o corpo dele foi retirado de lá e tiraram tudo o que podia lembrar a minha mãe dele, inclusive isso. É, infelizmente. Mas, então até mesmo, sabe, hoje é até simbólico isso, porque esse ato delas de apagar a memória deles, porque a gente, por muito tempo não apagou, mas evitou muito falar sobre os assuntos, é muito penoso. Enquanto eu era criança, as sequelas mais importantes. Eu engordei, virei uma bola, nunca mais me recuperei disso, estou na minha luta contra a balança eterna, mas... Eu inchei mesmo, dos 6 aos 8 anos eu inchei assim. E havia essa... E a minha mãe me levou, me levou em psicólogo, eu lembro que eu fiz terapia ocupacional, ficava brincando lá com as coisas, enquanto a escola ficava... Por muito tempo não consegui dormir sozinho, alguém tinha que dormir comigo, até os 10 anos assim, eu não conseguia dormir sozinho no escuro. Ainda hoje o escuro me... Às vezes eu me forço a abrir os olhos no meu quarto escuro para eu... Entendeu? Porque eu ainda fico...

JANAINA CAMPOS: Apreensivo?

LEONARDO: É, às vezes eu demoro para dormir por isso, mas até os 10 anos eu não conseguia dormir sozinho. Tinha alguém, tinha sempre que ficar comigo, até eu dormir, aí eu conseguia. Então é, são essas... Né... A presença dele era, assim, era quase diária e de repente acabou, entendeu? Então foi essa... Eu entendo que seja... A causa desse... Então foi...

JANAINA CAMPOS: Traumático?

LEONARDO: É, não foi, não foi uma... Ele era militante e tal, mas ele era uma pessoa muito à frente do tempo dele, sabe, não tinha essa história deixar todas as tarefas domésticas para a minha mãe, entendeu? Ele sempre, né, ele era parte do... E fazia questão mesmo, inclusive ele me ensinou a ler antes de entrar para a escola, quer dizer, aos cinco anos eu já lia, e ele que me ensinou. Então quando ele simplesmente desapareceu, aí tem um período também que eu não lembro muito, quase assim. A gente morava no Catumbi, ali na, bem na área mais periférica do Rio, assim, e aí a minha mãe quase que imediatamente mudou para o Leblon, para ficar em uma área mais, menos isolada, assim, menos, e mais perto das amigas dela. Então elas pensaram até em fazer uma comunidade, uma república, uma espécie de república.

As amigas dela, na verdade, eram ex-alunos dela, porque ela chegou a dar aula na PUC alguns anos.

JANAINA CAMPOS: E sua mãe também era muito nova, né, assim?

LEONARDO: É, porque ela tinha 32. Eles foram embora daqui fugidos praticamente, porque a minha mãe foi presa, o meu pai foi preso e... Tudo bem? E ela já estava, eles já estavam sendo, não conseguiam arrumar emprego aqui por aquilo, né, porque eles faziam isso para desfocar economicamente os militantes. Então a gente, eles foram praticamente fugidos lá para o Rio. Eu não sei se era, era a melhor opção ir para o Rio, né, era o centro da repressão lá na época, mas sei lá, não sei exatamente porque, eles foram pra lá um ano antes de eu nascer, né. E, assim, eles... Realmente, quem era militante aqui em Belo Horizonte era a minha mãe, o meu pai era ainda muito novo, não tinha muita... E ele também sempre foi muito, eu acho que eu herdei isso, muito cético. Para ele entrar em uma organização como essa... Eu lembro, eu me lembro que a minha mãe falava que a gente fazia muitos grupos de estudo em casa, e eles estudavam muito os textos, né, a teoria de cada partido. Cada grupo tinha as suas, os seus fundamentos teóricos ali, uns textos e tal. Até hoje, quando você vai entrar em uma organização dessas você tem que conhecer, ler todos os textos canônicos, da vertente. Então ele fazia muito isso, porque ele não ia... E, assim, se ele optou por participar de um grupo que levasse às últimas consequências, até a luta que era armada, eu acho que ele, eu acho difícil... Eu acho difícil ele ter escondido isso da minha mãe tão facilmente, porque eles faziam isso em casa abertamente. (Trecho incompreensível), porque ela disse que não tinha a menor ideia. Se ele realmente participou disso, a gente não sabe, também a gente nunca sabe, mas se ele realmente participou disso, foi, ele escondeu muito bem. Tá, para protegê-lo, para nos proteger e tal, mas mesmo assim a gente fazia, eles faziam algumas atividades arriscadas, né, como abrigar pessoas em casa. Ele abrigou o Carlos Alberto, que está até na capa daquele livro da... Aquele seu amigo esteve aqui, mas seu amigo esteve aqui era esse, era esse... Talvez a minha mãe tenha te falado dele.

JANAINA CAMPOS: Não.

LEONARDO: Ele passou o natal de 71 lá em casa, que é aquele depoimento da Inês Etienne Romeu sobre a Casa da Morte, era um dos amigos mais próximos dele. O Carlos Alberto, eu esqueci o nome dele.

JANAINA CAMPOS: Qual o livro?

LEONARDO: É, Seu Amigo Esteve Aqui.

JANAINA CAMPOS: Seu Amigo Esteve Aqui.

LEONARDO: É, que fala sobre a Casa da Morte... Então, eu acho que César Benjamim, esse traidor, também ficou lá, eu tinha só 16 anos, e a (trecho incompreensível) essa... E eles tinham alguns, alguns companheiros ali, que eles formaram o grupo e tal, até essa época.

JANAINA CAMPOS: Isso no Rio?

LEONARDO: É, eles continuaram mantendo reunião de grupo de estudo. Então eu não sei, eu não, eu acho que as coincidências são muito grandes e a ação foi no dia que ele desapareceu, foi, não sei como é que conseguiu chegar em casa, e faleceu lá de hemorragia interna, porque ele já tinha sido torturado antes, no abdômen, e o laudo final foi pancreatite, né, e esse pancreatite, ela pode se desenvolver por trauma também. E ela falou que eles bateram muito no abdômen, porque a... Essa... Os hematomas somem rápido. Então o que a gente sabe, eu não sei fazer isso para disfarçar, mas não bate tanto, entendeu? Porque é isso. Ela me fala, por exemplo, que ele era muito assediado pela VAR-Palmares, pelo VPR, né, mas eles fazia questão de entender exatamente o que que é, o que que essas pessoas defendiam, como que era a ação delas. (trecho incompreensível)...

JANAINA CAMPOS: Sem saber, né?

LEONARDO: É. Então isso para mim é um fator, eu não conto, assim, essa versão, tá. Mas de qualquer forma, ele era conhecido pela coragem. Tipo assim, se você está em uma passeata, ele abria um cartaz “Abaixo a Ditadura” na frente do General, aí os caras começaram a jogar gás, todo mundo corria, menos ele. Ficava mais um pouquinho ali só para, né, aí ele vai embora. Isso acontecia, e era chamado de João Passeata, porque ele ia em todas as passeatas, era o apelido dele na turma, né. Foi em passeata da (trecho incompreensível), passeatas todas... Mas é...

JANAINA CAMPOS: Quem é essa turma, né? Se tiver nomes...

LEONARDO: É, então, tem algumas (trecho incompreensível), tem aí o próprio Carlos Alberto. Eu, infelizmente, eu não consegui todos os documentos da minha mãe, eu vou passar para você o mais rápido possível.

JANAINA CAMPOS: Aham, está ótimo.

LEONARDO: Mas ela foi processada depois pelo (trecho incompreensível) Leitão, que era um promotor filho da puta, que está até no livro Tortura Nunca Mais, porque, não sei se a mãe contou essa história também.

JANAINA CAMPOS: Não.

LEONARDO: Eu acho que essa história é verdade. Que eles tinham essa prática, fizeram até com o (trecho incompreensível) Guimarães agora, aquele blogueiro, de prender a pessoa e dizer que ele delatou algumas pessoas para desmoralizar ele entre a militância e tal, e aí recebeu a visita desse promotor, que era conhecido por fazer esse tipo de coisa.

JANAINA CAMPOS: Eles foi na casa dos seus pais?

LEONARDO: Sim.

JANAINA CAMPOS: Lá no Rio de Janeiro?

LEONARDO: É. É o que ele fez. Sabendo disso, ele fez uma coisa sensata lá, bateu no cara para não haver dúvidas de que ele havia delatado ninguém, né. E aí ele, sabe, provavelmente esse cara teve um papel, né, mas ele perseguiu a minha mãe (trecho incompreensível), inclusive ela contou essa história, não, né?

JANAINA CAMPOS: Não.

LEONARDO: Ele, bah, ele chegou a conversar com (trecho incompreensível) “O que você tem contra mim?” Ele falou: “Contra a senhora eu não tenho nada, eu estou fazendo isso por causa do seu marido.” Já tinha morrido, sabe, no caso.

JANAINA CAMPOS: Isso foi quando? Quando que teve esse confronto com o...?

LEONARDO: É, porque eu acho que foi processada, né, ela foi processada junto com esse grupo.

JANAINA CAMPOS: Em 68?

LEONARDO: Não, foi depois. Eles chamavam de Grupo dos Cinco, alguma coisa assim.

JANAINA CAMPOS: É, essas informações (trecho incompreensível).

LEONARDO: Isso era só, isso era pura vingança dos caras, sabe.

JANAINA CAMPOS: Esse processo é aquele processo de 68 e foi a julgamento em 73, 74.

JANAINA CAMPOS: Não.

LEONARDO: Isso, exatamente. É, exatamente.

JANAINA CAMPOS: Que acabou sendo, ela acabou sendo absolvida e o seu pai, o seu pai foi absolvido por extinta a punibilidade.

LEONARDO: Por essa, por essa acusação, sim. Porque ele tinha, eu não sei se... Essa é outra coisa que eu tenho que passar para vocês. Tinha uma ordem de prisão expedida, né, ela falou para vocês...

JANAINA CAMPOS: Isso é, sua mãe falou isso, mandato de prisão.

LEONARDO: E eles não sabiam, não sabiam disso.

JANAINA CAMPOS: Porque na verdade o único processo que a gente encontrou mesmo foi esse. Esse IPM de 68, que deu, que a sentença saiu em 74, que seu pai já tinha até recebido...

LEONARDO: Sim, exato. E se for ver, o promotor desse caso é o (trecho incompreensível).

JANAINA CAMPOS: É esse. O que eu consegui encontrar também, né, a partir das pesquisas na anistia, é esse que a ABIN, na sua certidão, falava-se que havia um mandato de prisão expedido...

LEONARDO: Sim. Um mandato de prisão secreto, né, uma coisa que ainda não tinha (trecho incompreensível).

JANAINA CAMPOS: Pois é, e eu queria fazer essa pergunta, assim. Vocês têm, vocês sabem, é expedido em qual ou por qual, porque é meio, é meio nebuloso, é meio estranho, assim, esse mandado de... Porque não fala qual DP, exatamente qual que é esses... Vocês sabem, vocês pesquisaram, vocês sabem informar?

LEONARDO: Não, especificamente não, porque são, eram vários, né. Eu, se ele foi torturado, a outra versão é essa, né. Eu acho que até a gente saber desse caso, do PCDR, o que a gente imaginava é que ele tinha sido novamente preso, eles tinham novamente no abdômen dele e soltado ele, porque era o que eles fazem, eles não mantinham ele preso por um dia, ele ficava preso 7, 10 dias, até eles liberarem.

JANAINA CAMPOS: E acontecia isso com frequência?

LEONARDO: Alguma frequência, foi pelo menos duas vezes. Uma do lado do AI-5, né, que essa 68, e outra naquele ano mesmo, e ele estava muito fraco, muito, minha mãe falava que ele sentia dores, né, estava muito pálido, né. Outra, que é outro motivo, pelo qual eu também não sei essa versão de ele ter... Participar dessa ação, sabe. Eu não sei se ele seria irresponsáveis a esse ponto. Ele não estava bem, né. Estava vomitando, então, assim, pode ser até que ele tenha, que essa, isso que aconteceu com ele, foi realmente consequência da tortura mesmo. Ele foi para casa e sentiu mal, não tinha ajuda, não tinha ninguém em casa na hora, desmaiou e morreu, né. É uma, é na verdade a nossa versão mais plausível até aparecer essa história.

JANAINA CAMPOS: Eu ia perguntar era justamente nesse sentido, assim. Quando que essa história começa a aparecer, essa versão, essa possibilidade, começa a desconfiar disso?

LEONARDO: Foi na edição do Relatório Final da Comissão da Verdade. Inclusive eu fui lá na Comissão da Verdade uma vez, que tinha um filho de um amigo deles, o Pontual, fazia parte da Comissão, aí eu conversei com ele. Fui lá no prédio do CCBB, lá do Brasil, eu conversei com ele, mas na época ele não falou nada sobre isso, só quando saiu o relatório final que uma amiga nossa, que sabia mais ou menos da história do meu pai e falou, entendeu? “Olha, você viu o que aconteceu nesse dia que o seu pai apareceu morto? Exatamente no dia que ele...” Quer dizer, a gente apareceu morto no dia seguinte, né, quer dizer...

JANAINA CAMPOS: Foi encontrado no dia seguinte.

LEONARDO: Foi encontrado no dia seguinte, é. Aí eu disse não, aí ela mandou o relatório. Eu li a história, realmente ela é, batia, né.

JANAINA CAMPOS: Batia.

LEONARDO: Realmente ele nunca tinha sumido. Porque, assim, o que aconteceu, a minha mãe deve ter contado essa história. O que aconteceu foi que a gente foi para Belo Horizonte para o Natal, né, de 72, e ele voltou falando que tinha uma entrevista de emprego. Que a minha mãe é que sabe aonde era, então ele me informou isso. E aí ele sumiu por uns dois dias, estavam tentando entrar em contato com ele e não conseguia, e aí foi encontrado, foi encontrado morto em casa. E assim, segundo, né, foi quem encontrou ele foi a, uma mulher que fazia a faxina lá em casa. Ela disse que foi na farmácia, foi só comunicar que em cinco minutos apareceu alguém lá.

JANAINA CAMPOS: Alguém. Essa Manuela é a Manuela...? Só para a gente confirmar o nome dela, que no arquivo está Manuelita, Emanuela... Manuelita Emanuela.

LEONARDO: Isso, é, ela chamava Manuela. Na verdade, eu não sei, talvez fosse por um.... Eu não tenho certeza, ela também já faleceu, infelizmente.

JANAINA CAMPOS: Manuela Justina, Manuelita Justina da Silva.

LEONARDO: Isso, exatamente.

JANAINA CAMPOS: Era bancária, trabalhava aqui (trecho incompreensível).

LEONARDO: É, sim.

JANAINA CAMPOS: Ela que encontrou o pai de vocês?

LEONARDO: Sim.

JANAINA CAMPOS: E aí foi na farmácia para poder pedir ajuda, ou seja alguma coisa assim.

LEONARDO: Exatamente.

JANAINA CAMPOS: E aí o farmacêutico que ligou ou foi ela que ligou para a polícia?

LEONARDO: Eu não tenho certeza, mas deve ter sido farmacêutico, provavelmente.

JANAINA CAMPOS: Ahã. E aí apareceu lá rápido na sua casa.

LEONARDO: Sim. E aí ela descobriu depois que já tinha gente rodando lá, sabe, antes, nos dias anteriores, assim. Que ela conversou com os vizinhos e tal.

JANAINA CAMPOS: Procurando. É, sua mãe falou isso mesmo.

LEONARDO: Pois é. Agora eu não sei. Sobre... Acho que é interessante verificar essa história, né, e agora, realmente, é difícil, né. Isso é que eu estava falando para ela: Eu não conhecia as pessoas pelo nome verdadeiro, então realmente é importante você ter as fotos para ver se algum remanescente, eu não sei se ainda existe, né, algum remanescente com essa ideia. Eles podiam ser uma célula também que...

JANAINA CAMPOS: Que ninguém conhecia ninguém.

LEONARDO: É, né. Mas então eu não sei, talvez a gente nunca saiba exatamente, né, o que aconteceu, mas acho que as duas reações são mais ou menos plausíveis.

JANAINA CAMPOS: É, faz sentido. E sobre o laudo do médico? Porque a gente viu que primeiro teria sido envenenamento, depois que foi pancreatite.

LEONARDO: É, porque a minha mãe levou o Erasto, o Erasto? Não, não foi. Esqueci o nome do amigo dela que era médico, e ele viu o corpo e falou que ele estava todo roxo, já estava todo roxo já. Então ele falou: “Isso não é, não é quadro de envenenamento. Envenenamento não produz esse tipo de...” Então ele contestou o laudo, então eles refizeram e é um médico já conhecido desses médicos que fazem laudos.

JANAINA CAMPOS: Você sabe o nome dele?

LEONARDO: Eu sei, mas também agora eu não lembro. Eu vou passar para vocês.

JANAINA CAMPOS: Tá. É porque a gente tem o nome do... No relatório da Comissão de Mortos e Desaparecidos tem o nome do médico que assinou todos os laudos.

LEONARDO: Elias. Eu acho que era Elias.

JANAINA CAMPOS: Elias, Elias Freitas.

LEONARDO: Elias Freitas.

JANAINA CAMPOS: É esse que também assinou o do seu pai?

LEONARDO: Sim.

JANAINA CAMPOS: De acordo com a documentação encontrada na Comissão Nacional da Anistia, foi esse Elias Freitas e o Salim Raphael Balassiano, nesse caso aqui.

LEONARDO: Uhum. Esse Elias Freitas é conhecido por ter assinado outros laudos, né, segundo as conveniências, né, do aparelho de repressão. Então é, por isso também é que, é que a minha mãe levou, né, a minha mãe sabia dessa prática, né, dos médicos, de esconderem as verdadeiras causas de mortes, então ela levou esse amigo médico dele lá, dela lá, e aí ele contestou.

JANAINA CAMPOS: Tem uma informação no laudo, que eles deram como... Na certidão de óbito, na verdade. Está o óbito dia 30 do 12, às 18h30min, e a causas mortis, pancreatite aguda hemorrágica. O médico declarante Elias Freitas e Salim Raphael Balassiano, só que é... Sua mãe conta, e eu não sei se ela reproduziu isso para vocês depois, se minha pergunta vai muito mais nesse sentido, é que tem um déficit temporal aí, entre o horário da declaração da morte e horário que a Manuelita encontrou o seu pai no quarto assim. Isso, isso é questionado, porque...?

LEONARDO: Você sabe o horário que ela declarou ter encontrado?

JANAINA CAMPOS: Não, é porque a sua mãe narra aqui no depoimento dela, é que a Manuelita fala que escutou ele chegando de madrugada do dia 29 para o dia 30, porque ela escutou o barulho de uma descarga, um barulho no banheiro, alguma coisa assim, e aí ela espera mais ou menos até às 14h00min para poder, que ela achava que estava dormindo, alguma coisa que o incomodasse, espera mais menos o horário da 14h00min para poder chegar, para poder procurá-lo, e nesse momento ela encontra e vai na farmácia. Essa história que você nos narrou.

LEONARDO: Então isso seria de duas a três horas, né?

JANAINA CAMPOS: É, mais ou menos esse horário, e a declaração da morte, disseram que ela já tinha encontrado ele, disseram que estava falecido, né, e a declaração da morte é 18h30min. Então, assim, isso é a minha pergunta. Se isso foi questionado, se a sua mãe questionou isso, se vocês questionaram isso, como é que essa informação, para vocês, como é que vocês interpretam isso?

LEONARDO: É, eu realmente não sabia disso.

JANAINA CAMPOS: É, não, eu estou me fazendo que falei do depoimento que a sua mãe prestou na comissão da anistia, porque a Manuelita, ela não deu o relato, né. A sua mãe reproduz o relato dela, aí eu estou, por isso é que é a minha pergunta, assim.

LEONARDO: Entendi. É, esse relato foi feito quando?

JANAINA CAMPOS: É, esse documento é de...

LEONARDO: Foi a uns 10 anos atrás?

JANAINA CAMPOS: Sim, foi.

LEONARDO: Eu lembro que eu ajudei ela a fazer isso. Então, eu acho que esse é bem...

JANAINA CAMPOS: 2004, 2004.

LEONARDO: É, nessa época eu lembrava muito mais coisa, então acho que é bem fidedigno sim, né. Agora, realmente eu não lembrava desse detalhe, não. Provavelmente, porque eu ajudei ela a fazer esse depoimento. Ela ditou e tal, então, mas realmente eu não sei, eu não tenho muito conhecimento de como que é o processo, sabe, de... Então eu não saberia dizer se isso, mas talvez seja algum indicador, né.

JANAINA CAMPOS: É porque além disso, também tem essa do médico, que é o mesmo médico que assinou os laudos dos integrantes do PCBR que faleceram dia 29 de dezembro.

LEONARDO: Ah é? Eu também não sabia desse detalhe, não.

JANAINA CAMPOS: É, o que eu consegui apurar é que o Elias Freitas e o Salim Raphael Balassiano, em conjunto eles assinaram o laudo, né, que é morta, morta por motivos de DLN, Aurora Maria Freitas Furtado, eles assinaram o laudo dela no dia 10/11/72. O Salim Raphael Balassiano, ele assinou o laudo do Luiz Guilhardini do PCdoB, desaparecido, e também assina o laudo do Rubens Paiva. O Elias Freitas, ele assinou alguns dos laudos do caso Riocentro, o do sargento, principalmente o do Sargento Guilherme Pereira do Rosário, que tem uma, né, um problema nesse... E os ambos foram processados pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, e constam também no relatório do CNV como médicos (trecho incompreensível) no Rio de Janeiro, que tiveram participações em caso de emissão de laudo necroscópico fraudulento de estabelecimento forçado, os dois nomes do laudo do pai de vocês. E eu me pergunto, né, falamos tudo isso, se à época, como vocês falaram, é bem recente essa versão do PCBR, né. Estamos contando que a partir do momento da publicação do relatório.

LEONARDO: Exatamente. Da publicação do relatório.

JANAINA CAMPOS: Até então, a que prevalecia na cabeça de vocês, que vocês imaginavam, acreditavam, era a sua versão, que ele tinha sido, das outras prisões era uma, depois da tortura.

LEONARDO: Exatamente, é, sim.

JANAINA CAMPOS: Então são essas duas, essas duas questões. E quando o processo foi indeferido, porque ele foi parcialmente deferido na anistia, como é que

vocês interpretaram isso, assim? Porque isso foi, né, já tem algum tempo já, no caso 10 anos e...?

LEONARDO: Ahã. É, a gente acha que houve, né, no nosso entendimento ele, sim, ele morreu por alguma ação do Estado, mas a gente não conseguiu provar. Esse é o nosso entendimento. E não uma indenização, a gente só quer saber exatamente o que aconteceu. Mas realmente, a gente tentou, né, a gente encaminhou para a Comissão de Anistia, encaminhou a Comissão dos Mortos e Desaparecidos, só foi definido lá na (trecho incompreensível), porque realmente ficou provado que ele havia sido perseguido, prejudicado e não deixaram ele ficar em emprego nenhum, né. Então havia, isso a gente conseguiu provar, agora que ele foi morto, né...

JANAINA CAMPOS: As circunstâncias da morte.

LEONARDO: É, a gente não conseguiu, né. Então eu acho que isso é um caso, assim, eu acho que é importante levantar esse tipo de caso, sabe, porque eles citam muitos números de pessoas assassinadas para falar em ditabranda, não sei o quê, mas, sabe, o tanto de caso que provavelmente aconteceu como o do meu pai, assim.

JANAINA CAMPOS: São desconhecidos.

LEONARDO: Não ficou registrado, não ficou, sabe. Provavelmente são muito mais numerosos, né. Então esse próprio genocídio indígena, que ficou por muito tempo mascarado. Então, assim, mesmo que as Comissões da Verdade tenham tido toda sorte de dificuldades, né, para fazer o trabalho, esse tipo de trabalho, eu acho que é imprescindível levantar isso, porque as pessoas têm.... Principalmente as pessoas que defendem esse tipo de regime têm essa tendência de minimizar. E isso também, as sequelas na família. Assim, nós demoramos um tempo para nos recuperarmos, mãe ficou ainda morando no Rio por alguns anos, e aí ela viu que não estava dando conta e voltou para cá, para contar com o apoio da família, né. Mas daí ela abdicou de um cargo que ela tinha no BNH, né, para a Banco Nacional de Habitação, onde ela tentou, pelo menos, continuar os ideais dela, né, mantém cooperativas de habitação, que era a especialidade dela, né. Mas de certa forma, ela, realmente ela abdicou da militância para nos criar e tal, né, porque agora era só nós, né. Eu lembro que eu ficava muito tempo sozinho, porque ela dava aula, ela ficava fora praticamente o dia inteiro, né.

JANAINA CAMPOS: Quando vocês voltaram a Rio de Janeiro?

LEONARDO: 77, no meio de 77. É. E a gente morava ali no Leblon, perto ali da Cruzada São Sebastião. Ali ela foi assaltada muitas vezes naquela região. Então ela não estava dando conta mais.

JANAINA CAMPOS: Contribuiu, né.

LEONARDO: É, e também não estava, sabe. Eu lembro que foi um período muito caótico, sabe. Ela bebia, ela ficava na fossa, ficava... E a gente era muito novo, a gente não conseguia. Eu tinha lá os meus próprios problemas, eu não conseguia ajudar muito, e a Fernanda, ela era muito nova também e não teve muito, não teve contato nenhum com meu pai praticamente, né. Tem uma foto dele segurando ela bebê, assim, mas ela, que ela foi privada da figura paterna, eu fui um pouco mais, as sequelas em mim foram mais profundas que nela, mas ela sublimou isso fazendo... Ela fez um filme. Você viu o filme dela?

JANAINA CAMPOS: Não. Qual o nome?

LEONARDO: Subversivas. Tem até um depoimento da minha mãe, tem (trecho incompreensível). Essa é uma coisa que a gente poderia conseguir com ela, que é o bruto, né, a totalidade do depoimento da minha mãe.

JANAINA CAMPOS: O depoimento. Ah, sim.

LEONARDO: É. Porque ela pegou depoimentos de várias mulheres. É um filme sobre a participação das mulheres na resistência à Ditadura.

JANAINA CAMPOS: Interessante. Ah, legal.

LEONARDO: É. Eu posso, eu vou passar para vocês. Eu podia ter trazido, que ela fez junto com a Janes lá. É (trecho incompreensível) editora dela, também foi aluna da Comunicação. Então, assim, isso é uma coisa que eu vivo falando para ela: "Me dá aí a íntegra do depoimento da minha mãe, por favor", ela fica me enrolando. Não, fica enrolando não, desculpa, não fica enrolando, não. Eu que, eu que fico, sabe, essas coisas, né, a gente, no inconsciente da gente fica adiando essas coisas.

JANAINA CAMPOS: Lembra uma vez e depois deixa de lado, assim.

LEONARDO: É. Todo esse processo, esse depoimento dela para a Comissão de Anistia foi a primeira vez que realmente eu consegui fazer ela sentar e fazer um relato coerente sobre o que aconteceu. Era um assunto, não é que era tabu, mas a gente não, entendeu, porque ela era, ela era, desde então ela sempre foi meio frágil emocionalmente, e esse assunto realmente mexia muito com ela e eu não gostava de como ela ficava, quando a gente falava disso. Como apareceu essa oportunidade de operar a Comissão de Anistia e tal, eu, 2004 assim, a gente fez esse depoimento aí sem precisar de, aquela coisa de ficar pressionando ela para contar, né. Então foi uma oportunidade que a gente teve de fazer, de ela falar um pouco assim. Não, fez bem

para ela, é óbvio, né, fazer. Foi penoso na hora, mas depois foi bom para ela, e o filme também foi importante para ela superar um pouco isso.

JANAINA CAMPOS: Qual o ano do filme?

LEONARDO: É 2010, eu acho.

JANAINA CAMPOS: É mais recente, bem recente.

LEONARDO: É, 2012. Eu acho que talvez o maior achado do filme seja uma militante, que eu esqueci o nome agora, que participou do sequestro do embaixador, do Elbrick, né, e nunca foi pega. Morou no mato muitos anos, literalmente no mato, depois ficou clandestina, na clandestinidade até a Fernanda achar ela. E daí ela fala tudo e tal. Falaram que é a Lamarca era cuzão, umas coisas assim.

JANAINA CAMPOS: É interessante. Sua irmã então fez um trabalho investigativo, né?

LEONARDO: Sim. Essa militante foi realmente.... Ela foi lá, a gente teve uma estreia lá no Cine Belas Artes, ela foi e tal, várias... E uma das entrevistadas delas, a Gilse Cosonza, faleceu.

JANAINA CAMPOS: É, faleceu.

LEONARDO: Ela foi entrevistada nesse filme.

JANAINA CAMPOS: Ah, que legal. Produzido aqui em BH?

LEONARDO: Isso.

JANAINA CAMPOS: Esse é... Você fala, Leonardo, você fala é, né, do processo, que você ajudou sua mãe na construção desse processo na Comissão de Anistia, a sua irmã, ela também participou desse, desse (trecho incompreensível)?

LEONARDO: Sim, participou também. E talvez um pouco menos, mas participou também. Ela está, inclusive eu vou fazer uma reuniãozinha com ela depois. Vocês me falam aí o prazo que a gente tem, porque eu não tive tempo de pegar as fotos dela, ela também falou que ia me mandar por e-mail, mas não conseguiu também, mas a gente tem poucas fotos dele, mas a gente tem algumas. Eu tenho algumas aqui, eu já posso passar para você, mas ela tem mais, e agora eu acho que vocês têm todos os documentos, então, né. Porque você falou do processo, a ABIN, esse...

JANAINA CAMPOS: Mas Brasil Nunca Mais tem muita coisa.

LEONARDO: Porque uma vez eu fui no Arquivo Nacional, lá em Brasília, e o que eu consegui foi isso, e foi um texto lá do processo que moveram contra ela.

JANAINA CAMPOS: Da Comissão de Anistia. Não, do IPMG.

LEONARDO: É. Então aí lá tinha os nomes dos companheiros que eles tinham, né, do grupo de estudos que eles tinham, e tem esse Etevaldo. Eu acho que é Etevaldo o

nome dele. E ele, muito cedo, em 75 mais ou menos, ele foi para Moçambique e nunca mais voltou, e eu até consegui pesquisar sobre ele, que ele é cidadão moçambicano hoje. Então ele é uma pessoa que eu gostaria de conversar mais.

JANAINA CAMPOS: De saber. São essas pessoas então do IPM, né, que faziam parte do grupo (trecho incompreensível). Então a gente tem todos os nomes, era muita gente, é uma lista grande.

LEONARDO: Eu, o único que eu consegui, assim, saber o paradeiro, foi o Etevaldo, os outros eu não sei.

JANAINA CAMPOS: E quando, porque essa é uma das questões, no caso, a Mariana vai ter explicado. Como o caso do seu pai é um caso ainda, tem muitas coisas a serem esclarecidas. O pessoal da Comissão de Mortos e Desaparecidos aqui também pediu para a gente fazer algumas questões, mesmo que não nos toque especificadamente pela nossa comissão, mas nos pediram. E aí, uma dessas questões, a gente já começou a abordar aqui um pouco, é sobre especificadamente se você sabe de nomes que orbitavam entorno da militância do seu pai, tanto aqui em Belo Horizonte quanto lá no Rio. Aqui pelo, né, em Belo Horizonte ele não tinha uma participação tão atuante quanto a sua mãe aqui na AP, né. E lá no Rio de Janeiro já tem esses outros nomes, que estão ligados à AP, e a minha pergunta é o seguinte: Quando vocês começaram a levantar essa hipótese do PCDR, vocês conseguiram identificar algum dos nomes lá desse caso, com ligação com o seu pai?

LEONARDO: Não, a gente, eu lembro que a gente fez uma verificação superficial, mas no primeiro levantamento, assim, a gente não achou, não, mas acho que uma coisa que vale a pena ser investigado também. Na época, a gente pensou em entrar em contato com a Comissão do Rio, que já estava funcionando, mas aí essas procrastinações inconscientes, a gente acabou não falando, que a gente chegou a ir lá na Comissão do Rio.

JANAINA CAMPOS: Vocês foram no Rio?

LEONARDO: Fomos, quer dizer, prestamos depoimento nós três, eu, minha mãe e minha irmã. E eles realmente acharam muito estranho isso, de ele ter sido encontrado em casa e falaram que não conhece nenhum caso de alguém ter sido torturado e logo depois liberado, e ficaram de cruzar os dados lá, mas não responderam mais para a gente.

JANAINA CAMPOS: Isso quando? Isso aí em que ano?

LEONARDO: Isso tem uns 4 ou 5 anos, já que tem. Ela funcionou de quando a quando, vocês sabem?

JANAINA CAMPOS: Eu não sei, a gente sabe que tem o relatório e na parte do seu pai... O relatório, o relatório da Comissão Nacional da Anistia saiu em 2014, em dezembro de 2014.

LEONARDO: Dessa comissão do Rio?

JANAINA CAMPOS: Não, a Comissão Nacional.

LEONARDO: Sim. Tá. É.

JANAINA CAMPOS: Só para esclarecer. Vocês começaram a questionar quando saiu o relatório do Rio ou da Nacional?

LEONARDO: Da Nacional, é.

JANAINA CAMPOS: Da Nacional. Ah tá.

LEONARDO: É. Porque eu acho que a do Rio ainda funcionou mais um tempo, né?

JANAINA CAMPOS: Funcionou, o relatório é bem recente.

LEONARDO: Então deve ter sido 2013, deve ter sido 2013 que a gente fez esse depoimento lá. E a gente ficou um tempo conversando, debatendo possibilidades e tal, e não havia ainda essa versão. Então, mas é isso, é esse, passamos fotos para eles. Então a ideia era essa, que eles mostrassem essas fotos para outros militantes, mas parece que não entraram mais em contato com a gente, então provavelmente não descobriram nada.

JANAINA CAMPOS: A gente não sabe se ela ainda está funcionando de alguma forma. O relatório já existe, então. Não sabe. Mas fala para a gente, se souber, claro, da atuação política do seu pai aqui e no Rio. Se você souber, do seu pai e da sua mãe.

LEONARDO: Então, a minha mãe era da Juventude Universitária Católica, a JUC, depois que uma boa parte deles entrou para a AP. Ela conta, por exemplo, que esse congresso da UNE que teve aqui, em 66, né.

JANAINA CAMPOS: 67.

LEONARDO: 67, né, 66, não?

JANAINA CAMPOS: É que esse ano faz 50 anos.

LEONARDO: Final de 66.

JANAINA CAMPOS: E daí semana que vem tem comemorando 50 anos da UNE 67.

LEONARDO: É, então, ela já, eles já moravam no Rio, mas ela falou que chegou a dormir naquela igreja, mas não participou do congresso, porque ela já era visada

também. Mas, assim, o que eu sei sobre o meu pai, é que aqui em Minas ainda estava começando a atuação dele, então realmente não tem muita coisa.

JANAINA CAMPOS: Antes, ele é mais novo que a sua mãe, né?

LEONARDO: É, era cinco anos mais novo, né. Então isso foi 66, eu tinha 20, 19, 21 anos.

JANAINA CAMPOS: Como que eles se conheceram? Eles se conheceram na faculdade? Sabe como é?

LEONARDO: Hum, tenho que pensar aqui. Não, porque naquela época a minha mãe tinha, a minha avó tinha um barzinho aqui no edifício da (trecho incompreensível), um chopinho. Então não sei, pode ter sido lá, ou pode ser outra coisa que eu não sei, viu. Essas coisas que a gente não... A gente evita um pouco de falar sobre isso, mas ela me conta só que a família dele não aceitou muito ela e tal, e até hoje meio que culpa ela pela morte dele, mas essas circunstâncias eu não tenho muito claras, não. É uma coisa que a gente precisava saber também.

JANAINA CAMPOS: Mas é, né, que eu te interrompi. Voltando. Aí a sua mãe também que está JUC, AP, aí tinha, ela tinha uma liga na universidade, no curso que ela fazia e...?

LEONARDO: Ela dava aula e tal, aí no Rio que ela entrou para o BNH, entrou e ficou mais, depois, né, foi depois da morte do meu pai que ela entrou.

JANAINA CAMPOS: Ela dava aula no Rio também, né?

LEONARDO: Sim, mas depois que ela entrou no BNH, passou a ser o trabalho principal dela. Tem uma história também que o governo de Angola, logo depois da revolução lá, convidou ela para fazer esse trabalho de moradia lá, só que, assim, não tinha escola, né, que está tudo arrasado pela guerra, então a ideia deles era nos mandar para um colégio interno na União Soviética. Aí ela falou: "Não." Não sei, né, qual teria sido o meu destino se isso tivesse acontecido, mas ela não quis. Ainda bem que ela não foi, né, porque lá continuou a guerra civil não sei por mais quantos anos, então acho que não teria dado muito certo.

JANAINA CAMPOS: Verdade.

LEONARDO: Mas então ela tinha esse sonho também de continuar, né.

JANAINA CAMPOS: O trabalho.

LEONARDO: É. Nessa oferta que ela recebeu do governo angolano, foi, né, eu acho que abalou um pouco ela por isso, mas ela, de certa forma, abdicou olhando a militância, para tentar fazer um trabalho interno lá. Mas, assim, o fato de ele ter sido...

Nos tirado assim, de forma tão traumática, eu acho que nos uniu um pouco, mas também dificultou muito as nossas... A gente só conseguiu mesmo... Sei lá, desenvolver uma relação um pouco mais orgânica como família quando nos mudamos para cá, porque lá no Rio era muito, muito caótico, assim, sabe. A situação, ela vivia insegura, ainda sobre, até 73, né. Foi em 73 que...

JANAINA CAMPOS: 74.

LEONARDO: 74, né. Até 74 ela ficou sob ameaça dos processos. Mas ela tentou, porque ela tinha um cargo bom no BNH, ela tentou manter, ficar lá, mas... Impossível. Acabou vindo para cá, e com um cargo menos importante. Quer dizer, abdicou também da coordenação nacional dos programas de cooperativa e veio trabalhar aqui, em uma coisa mais regional, mas isso deu uma estabilidade para a família que a gente não tinha. Eu lembro que, sabe, depois que a gente saiu do Catumbi, a gente morou em uns dois lugares diferentes até a gente conseguir se estabelecer assim.

JANAINA CAMPOS: Lá no Rio?

LEONARDO: É.

JANAINA CAMPOS: E era só sua mãe, você e a sua irmã, ou algum familiar seu foi para lá?

LEONARDO: Sim. Às vezes eles ficavam, às vezes algum familiar nosso morava com a gente um tempo assim, né, porque, sei lá, por diversos motivos, né, mas o núcleo mesmo era nós três, né.

JANAINA CAMPOS: E só quando vocês voltaram para cá, a sua mãe foi trabalhar, foi trabalhar...

LEONARDO: No BNH.

JANAINA CAMPOS: BNH aqui também?

LEONARDO: Sim, é.

JANAINA CAMPOS: Ela vem transferida (trecho incompreensível).

LEONARDO: Perto da Rua da Bahia, onde hoje é uma coisa municipal lá, bem quase na esquina da Rua da Bahia com a Afonso Pena.

JANAINA CAMPOS: Sim, ela foi, veio de transferência?

LEONARDO: Transferência, é.

JANAINA CAMPOS: Você tinha uns 10 anos já, né?

LEONARDO: É, 10 para 11 anos.

JANAINA CAMPOS: E lá no Rio de Janeiro, assim, ainda voltando um pouco nesse período que você era criança e tal. Vocês tinham relações de amizade, escola? Como é que era mais essa, a vida de vocês?

LEONARDO: Não, eu me lembro que eu fui uma criação muito solitária, assim, bastante. Não tinha muitos amigos, não. Sofria bullying na escola, e... Eu imagino que por causa da... Que eu era o único gordo na época. Imagino que tenha sido por isso, eu não sei, e também porque eu era bolsista de uma escola meio de classe média. Todo mundo chegava de motorista menos eu, tipo assim, então eu acho que tem a ver também. Mas é o que eu estava explicando para ela. Os meus pais, sequelas, sozinho, eu não conseguia dormir sozinho por muito tempo, engordei muito, ainda fui, eu fiz um regime com 10 anos, eu fui uma das primeiras pessoas a tomar guaraná dietético, um guaraná dietético meio artesanal, assim, que eles faziam. Então foi principalmente isso, as sequelas físicas... Mas, assim, eu não acho que, assim, comparado com outras pessoas, né, não faz minimizar o que aconteceu comigo, não, mas eu consegui, mais ou menos, superar, muitas pessoas não conseguiram, que sofreram, sofreram torturas, crianças. A gente conseguiu, mais ou menos. A minha mãe, eu acho que ficou, nunca se recuperou. Ela realmente... Foi um evento definidor na nossa família, né, não tem como... Mas eu acho que eu e a minha irmã conseguimos, de uma certa forma, trabalhar isso, eu consegui formar uma família, ela também está em um relacionamento estável, não sei o quê. Então assim, não ficou, a nossa vida não foi totalmente dilacerada como a de outras pessoas, mas foi uma luta mesmo.

JANAINA CAMPOS: Definidor.

LEONARDO: Sim.

JANAINA CAMPOS: E agora, em 68 eles foram presos, o que deu início a esse processo, teve IPM. E aí, pelo relato que a gente tem do próprio processo, dos autos, ela ficou um tempo presa, o seu pai ficou um pouco mais, depois saiu, depois ele voltou de novo. E você sabe, você já era nascido, você sabe com quem você pode ter ficado?

LEONARDO: Boa pergunta.

JANAINA CAMPOS 1: Pois é, um ano de idade.

JANAINA CAMPOS 2: É, o IPM, né, ele é registrado em maio, eu acho, maio de 68, você já era um bebezinho de um ano e pouco.

JANAINA CAMPOS 1: E aí imagino que esse, essa história que você contou no início do edifício da Barata Ribeiro, que a sua mãe saiu, você provavelmente era de colo ainda, né.

LEONARDO: Sim. É, isso é. Eu gostaria de saber, talvez vocês vão saber, eu não sei exatamente se é verdade, se sonhei, mas alguém me contou isso por causa daquela peça do Edifício Chamado 200, né, que era esse edifício. Até trocaram o número do edifício para não ficar aquela coisa, mas é... Sim, eu acho que era, eu provavelmente devo ter ficado com alguma das amigas dela, provavelmente, porque elas eram muito unidas, com essas ex-alunas dela e tal, e ela tinha um grupo, assim, mais ou menos coeso (trecho incompreensível). Então provavelmente eu fiquei com elas, assim, mas eu não tenho certeza.

JANAINA CAMPOS: É, que você era de colo. Você não sabe se você foi levado também?

LEONARDO: Não, para lá não, eu acho que não. Se tivesse acontecido isso, a minha mãe teria me falado.

JANAINA CAMPOS: Teria falado, né.

LEONARDO: Mas não, eu acho que não teve isso, não. E tinha a Fernanda também, né. Então eram duas crianças.

JANAINA CAMPOS: Quando ela nasceu?

LEONARDO: Ela nasceu em dezembro de 72. Eu tenho uma foto dele segurando ela no colo.

JANAINA CAMPOS: Foi 71, né?

LEONARDO: 71, é.

JANAINA CAMPOS: Ela já tinha um ano.

LEONARDO: Isso, ela já tinha um ano.

JANAINA CAMPOS: É, porque 68 (trecho incompreensível).

LEONARDO: Isso aí é até verdade, às vezes eu confundo isso, é. Mas assim, ela tinha seis, para seis a um ano, então eram duas crianças pequenas, né. Mas eu lembro que passava também umas temporadas aqui também, em Belo Horizonte.

JANAINA CAMPOS: É, né, férias, tudo assim, final de ano.

LEONARDO: Não só férias, não, teve uma época que eu tive catapora, fiquei uns meses aqui, então também não é só isso.

JANAINA CAMPOS: A sua mãe é daqui?

LEONARDO: Sim.

JANAINA CAMPOS: Não, quem é daqui?

LEONARDO: Não, é, na verdade a minha mãe é do interior, Abaeté e tal, e o do meu pai também, mas as famílias moravam aqui em Belo Horizonte, na época.

JANAINA CAMPOS: Eles moravam aqui.

LEONARDO: É, então é isso. A gente passava temporadas com a família aqui e com os amigos lá. Eu lembro que realmente eu via muito pouco ela, nessa época, assim.

JANAINA CAMPOS: Quando você era criança?

LEONARDO: Sim, porque com, né, depois que o meu pai faleceu, ela foi forçada a nos sustentar, né, então ela dava aula e fazia uma outra coisa. Eu acho que não era BNH ainda, uma outra coisa lá, e a gente ficava muito sozinho com empregada, né. E isso também valeu muitas coisas, por exemplo, até hoje eu não consigo comer quiabo, porque uma vez ela me fez comer um prato inteiro de quiabo. É aquela coisa do luta de classes dentro de casa, né, falava (trecho incompreensível). Mas é, mas isso é bobagem, eu acho que isso não... O fato é que realmente ela não ficava em casa, eu via ela muito pouco. Geralmente quando ela chegava eu estava dormindo. Então isso foi outra coisa, outro problema, assim, dessa época foi esse, que por muito tempo lá no Rio, por muito tempo ela teve que trabalhar direto, não tinha um tempo para nós.

JANAINA CAMPOS: E essa moça que trabalhava com vocês na época que o seu pai... Ela permaneceu? Você lembra dela?

LEONARDO: Lembro, sim. Depois ela ficou um tempo fora assim, mas depois ela voltou para trabalhar com a gente. Eu lembro sim, ela trabalhou com a gente muito tempo, mas eu nunca conversei com ela sobre isso. Mesmo quando... Uma vez eu voltei lá e fui visitar ela, já com 18 ou 19 anos, mas não chegamos a conversar sobre isso, não. O assunto ainda era tabu, né, ainda era... A gente só foi conversar as coisas abertamente mesmo nessa época desse processo, 2004.

JANAINA CAMPOS: E até então, qual que era... Que eu imagino, criança sempre tem esses questionamentos lá, onde está o meu pai, o que aconteceu. O que que era contado para vocês?

LEONARDO: Ah, muito pouco, muito pouco. Não, eu não tinha a menor ideia do que aconteceu. Eu acho que a minha mãe seguiu a máxima de me contar o mínimo possível, porque já foi difícil de lidar com o fato em si, mais detalhes ainda... Ela me poupou disso na época. Eu era, eu não fui no enterro.

JANAINA CAMPOS: Ah, você não foi?

LEONARDO: Eu não quis ir. Eu até hoje eu tenho... Enterro para mim é... Alguém me ligando, me desculpe. Alô? Eu vou fazer... Espera, só um pouquinho. Oi? Desculpa, eu estou no meio de uma, desculpa, agora não posso atender. Tá? Eu vou ter que desligar. Tá bom? Obrigado. Telemarketing agora.

JANAINA CAMPOS: É o fim.

LEONARDO: Mas desculpe, aonde é que eu estava mesmo?

JANAINA CAMPOS: Não, você estava falando de que você não tinha, você não foi, até você não foi, até hoje você tem um pouco, assim, com enterro, você não gosta.

LEONARDO: Isso, é. Eu não gosto de enterro, me incomoda, sabe, dá náusea, essa que é a verdade. O cheiro desse cemitério me dá náusea, que a gente também morava do lado do cemitério, né, no Catumbi.

JANAINA CAMPOS: Ah é?

LEONARDO: E a diversão da minha mulher era ver os enterros, os enterros passavam na frente da... Vocês sabem o cemitério de Catumbi?

JANAINA CAMPOS: Sei.

LEONARDO: Enorme, e a janela dava bem para isso. Então isso também, isso é uma lembrança, talvez, eu tenho algumas coisas com cheiros. Os cheiros, às vezes quando eu ia no Rio, eu fazia umas peregrinações. Lá em Laranjeiras, aonde a gente morou um tempo, na rua lá de Laranjeiras. Fui nesse edifício no Catumbi e os cheiros me davam enjoo, sabe. Os cheiros da... eu senti os cheiros que eu senti na época, assim. Apesar de ter rinite, o meu olfato não ser muito bom, mas para isso ele é bom. Mas é, então isso é, então teve uma época que eu visitei esses lugares para tentar... E tem outra história também, porque os ossos do meu pai, eu não sabia onde estavam, isso era outro assunto tabu, nem perguntava.

JANAINA CAMPOS: Você não sabia onde seu pai estava enterrado?

LEONARDO: Não sabia, e eu sabia que a minha mãe devia saber, mas eu nunca perguntei. Aí um belo dia eu perguntei, depois eu fui fazer análise, né, e aí eu coloquei essa questão. Ela falou: “Como que você não sabe onde o seu pai está enterrado, né?” Um absurdo isso, né. Aí eu perguntei para ela um dia, ela não sabia também, ela sabia que era no Bonfim. Aí eu fui lá no Bonfim, pesquisei e descobri, e na verdade ele está em um jazigo de um nome, de um primo, de uma parte distante da família que a gente nem tem mais contato. Então ele está em um baú de ossos ali, lá no Bonfim, mas uma sepultura praticamente abandonada, e aí eu voltei lá, fui na sepultura, ouvindo aquela música do George

Harrison, *While My Guitar Gently Weeps*, que eu sabia que era uma das músicas preferidas dele. Mas aí fiz essa peregrinação e também nunca mais voltei lá, mas essa é uma questão nossa, assim, nós vamos deixar os ossos dele em uma jazigo, sabe, que não é, que não tem nada a ver com a gente, foi cedido de favor, porque não tinha, a minha mãe tinha dinheiro para enterrar ele. Então essa, esse pessoal mais distante da família, que na época era mais próximo, ofereceu o jazigo. Então ele ficou um tempo lá e depois transferiram ele para um baú de ossos, e está lá até hoje.

JANAINA CAMPOS: Vocês não resolveram tirar?

LEONARDO: Volta e meia a gente volta a esse assunto, mas nunca conseguimos, entendeu, nos organizar, a velha procrastinação, né. Não conseguimos organizar para dar um lugar definitivo para ele.

JANAINA CAMPOS: Essa peregrinação você fez você com você, ou sua irmã estava junto contigo, foi um processo seu?

LEONARDO: Não, é, porque a minha irmã não tem tanta interferência assim, né.

JANAINA CAMPOS: Essas memórias, né? Leonardo contou no início que ele foi, a ocupação do prédio onde é hoje em dia, semana passada, porque foi lá que ele recebeu a notícia da morte do pai, eles estavam aqui. (Trecho incompreensível)

LEONARDO: Na verdade, eu só fui atentar para isso depois que eu saí de lá. Nunca fiz tanta questão de ir lá, sabe.

JANAINA CAMPOS: Pois é.

LEONARDO: E eu, assim, entrei poucas vezes naquele prédio para conversar com jornalistas amigos meus lá, pouquíssimas vezes, mas eu fiz questão de ir lá, né, dessa vez, como se fosse uma ocupação própria.

JANAINA CAMPOS: É, é importante isso daí. Eu estou sem perguntas.

JANAINA CAMPOS: Eu queria fazer umas perguntas, assim. Depois vocês voltaram em 77, vocês voltaram a Belo Horizonte, aí dentro do mundo, né, vocês, a sua mãe, a sua irmã e como foi a vida aqui em BH, assim, para vocês?

LEONARDO: Ah, foi difícil a adaptação, foi difícil. Para mim foi recomeçar a vida praticamente. Lá no Rio eu tinha os amigos e tal, mas na verdade foi bom para mim, porque aqui é que eu... Passei por uma época também muito difícil aqui, minha mãe me botou no Loyola, antro de filhinho de papai, eu também sofri bullying lá, e só me encontrei depois que eu entrei para o Pica Pau Amarelo, que era uma escola alternativa, tinha aqui em BH, e depois o Colégio Técnico, que tem amigos que eu tenho até hoje. Mas até dos 10 aos 15 anos também foi muito difícil para mim, muito

complicado, porque eu também naquela época era tudo muito, essa cidade, ela era muito conservadora, muito, sabe, a minha mãe, né, praticamente minha mãe solteira e a família, no princípio, ajudou bastante, mas muitas pessoas não foram tão solidárias. Então a minha mãe sofreu muito também, então foi uma adaptação difícil, mas eu acho que ela fez isso bem, ter voltado para cá. A nossa vida no Rio não estava dando mais, e um antes... Que o Rio ficou um pouco, como se fosse um projeto fracassado de vida. Tudo que ela tentou lá, essa coisa do BNH foi, não conseguiu fazer do jeito que ela queria, ela tentou fazer essa comunidade com as amigas e não conseguiu, sabe, assim. Então o Rio ficou uma coisa, uma experiência que só deu errado para nós. Então voltar para cá foi importante para a gente ter uma base, e demoramos também para construir essa base, mas conseguimos montar, né. E aí ela ganhou essa, ela ganhou uma ação contra o BNH por causa, porque quando ela foi transferida, ela perdeu, ah, umas (trecho incompreensível) internas lá, conseguiu ganhar uma ação, né, recuperamos um pouco do que... Mas o revés financeiro da família também foi bem profundo, a gente também demorou muito tempo para nos recuperar disso. Até a gente conseguir se estabelecer foi difícil, mas aí, a partir dos anos 80, a gente conseguiu se estabelecer como família e aí é que eu posso dizer que realmente a gente conseguiu formar uma família de fato, mas foi, tudo foi complicado, tudo foi construído paulatinamente. Até também eu achar as pessoas em que eu achava legal conviver também, só fui achar essas pessoas no Ensino Médio. Então toda a minha infância é um período, assim, né, as pessoas vão, né, como é uma infância com toda a nostalgia, assim. Para mim foi uma época muito difícil, não é, não vejo como.... Eu tenho satisfação de não ter sucumbido, né. Nós, né, tanto eu quanto a minha mãe, quanto a Fernanda, não termos sucumbido a essa situação, mas a gente realmente somos, nós somos sobreviventes também. Apesar de a nossa história não ter sido tão radicalmente dilacerada como em outros amigos, mas foi, tudo foi difícil para a gente. Então eu acho que a gente também foi difícil, mas como a gente conseguiu, a gente tem mais força interna, sabe. A gente almoça com a minha mãe e com a minha irmã duas ou três vezes por semana, a gente é muito unido nesse sentido assim, mas foi uma luta. O meu relacionamento com a minha irmã, só na fase adulta que a gente se reconciliou, porque a gente era muito agressivo um com o outro na infância. Então eu não me vejo, eu vejo a gente como sobrevivente, como quem conseguiu com muita luta construir uma história assim, razoavelmente bem-sucedida. A gente não sucumbiu, para mim é o principal, mas porque também a gente teve o

apoio da família, teve o apoio dos amigos e, sei lá, a gente não, a gente, né, ficava... Essa tática de manter o assunto um pouco, cercear um pouco o assunto por um tempo eu acho que foi importante também para a gente cicatrizar um pouquinho, e aí quando a gente, né, a gente teve condição de elaborar isso, que a gente fez esse documento aí, mas foi um processo lento, um processo penoso.

JANAINA CAMPOS: E vocês tem um, tem, tinha ou tem relacionamento com a família paterna, com a família do seu pai? (Trecho incompreensível).

LEONARDO: É um relacionamento complicado, é um relacionamento complicado, porque é uma família com carma muito forte. Depois que meu pai faleceu, minha tia, Efigênio, a escola Efigênio Vidigal era a escola que ela fundou, né, e ela era muito ligada a ele, então ela... Aí uns cinco anos depois ela faleceu de câncer, um processo muito dolorido, que ela era muito ligada a ele, sabe, e a minha tia Carmelita também, foi embora para Juiz de Fora, era uma família muito tradicional, sabe. O meu pai chamava o meu avô de o Justo Bíblico, sabe, aquela coisa de ficar na cabeceira da mesa e ler uma passagem ou outra. Eu cheguei a presenciar isso, poucas vezes. Antes de qualquer refeição tinha que ler uma passagem da Bíblia, (trecho incompreensível). Mas o que aconteceu? O lembro, por exemplo, do Lavoura Arcaica, não sei se vocês viram esse filme, Lavoura Arcaica, aquela mesa era a simetria tão vivente que eu não conseguia ver o filme por algum tempo. Eu só chegava naquela parte que tinha aquela mesa, um patriarca na ponta, o mesmo número de filhos, a mãe cuidadora e tal, sensível também, sabe. O meu avô, o meu avô morreu com uns 99 anos, era um cara duro, e que a reação dos filhos foi fugir, quase todos.

JANAINA CAMPOS: Quantos irmãos o seu pai tinha? Quantos irmãos eram no total?

LEONARDO: Deixa eu ver, acho que eram uns 5, que era o tio Sérgio, que já faleceu, né, a tia Nesca, a Melita, Ângela, a Gisele e a Efigênia, 6, eram 6.

JANAINA CAMPOS: Seis irmãos.

LEONARDO: É. E a maioria deles fugiu daqui, um pouco dessa, essa família meio sufocante, sabe. Mas assim, aí o que aconteceu? Depois disso, elas fundaram essa escola, que foi razoavelmente bem-sucedida, e minha mãe era, o meu avô, quando ele faleceu, ele deu as cotas para os netos, então a minha mãe passou a fazer parte dessa, da diretoria do... Sócia da escola, ela começou a fazer parte dessas reuniões, e ela sempre, ela ali ficou uma pessoa meio outsider ali, entendeu? A família nunca perdoou muito ela não. Por ter desencaminhado meu pai. Eu diria que talvez o meu pai estava muito mais aprofundado na militância do que ela, mas... Então é uma

relação difícil, mas, assim, a gente tenta. Não é uma família igual a da minha, que os cozinhas da família todos se afastaram, então a gente é super unido. Por exemplo, os filhas da minha prima são como se fossem irmãs das minhas filhas. Agora aquela parte da família não. Eles, cada núcleo, cada filho fundou, fundou o seu, eles ficam isolados. Então é isso. O meu pai faleceu, minha tia Efigênia depois faleceu de câncer, meu tio Sérgio faleceu depois de AIDS, então era uma família de um carma muito forte, muito pesado. Então a gente, essa parte da família não é tão unida assim, mas eles, né, eles se esforçam, mas têm valores totalmente diferentes, são muito mais conservadores, muito mais... Depois, a única tia minha que tem uma, que é a tia Carmelita, aquelas que foram para Juiz de Fora, aliás ela é uma pessoa que eu, que a gente tem conversado. Eu já tive uma conversa com ela, porque ela fala que o meu pai ia muito lá para Juiz de Fora, e talvez, ela tem dúvida, mas ela, talvez ele tenha passado lá nessa época que ele mais... A gente estava no Natal e ele foi para o Rio, então a minha mãe acha que ele passou lá.

JANAINA CAMPOS: Ah, tá. Nesse (trecho incompreensível).

LEONARDO: É. Ela me disse que não tem tanta certeza, mas eu vou tentar lembrar se o que que eles conversaram, se ele deu alguma pista sobre se ele iria fazer esse tipo de coisa. Provavelmente não. Se ele conseguiu esconder da minha mãe, porque que ele iria contar para irmã? Mas ela é uma pessoa que é mais próxima da gente, assim, em termos de valores, de visão de mundo, então tem um pouco mais de abertura com ela para falar sobre isso, e eu contei para ela. Assim, essa parte da família não sabe dessa história ainda. Eu acho que...

JANAINA CAMPOS: Eles não sabem desse processo longo?

LEONARDO: Dessa história do PCBR não. Mas é porque eu só contei para a Carmelita, porque eu acho que... Eu até tenho vontade de contar, porque eles são muito alienados, muito... Mas sei lá, eu não...

JANAINA CAMPOS: Surgiu a oportunidade ainda.

LEONARDO: É. Mas para a Carmelita eu contei, e ela não reagiu com surpresa, não. Ela falou: “É? Tem essa possibilidade?” Eu falei: “É.” Tipo assim, ela não falou assim: “Não me surpreenderia”, nem falou: “Ô!”. Aí eu, por isso é que eu estou meio insistindo com ela, para ver se ela lembra.

JANAINA CAMPOS: De mais coisas, mais (trecho incompreensível).

LEONARDO: Tem as cartas dele também, né. Eu tenho umas duas ou três cartas dele, mas são muito pontuais assim, são coisas do cotidiano, que ele me deu banho, que ele, né, fala umas coisas assim.

JANAINA CAMPOS: Mas qual que é, quem que é o destinatário dessas cartas?

LEONARDO: Era, se eu não me engano eram os pais dele, para a minha avó e para o meu avô, contando sobre mim, sobre uma viagem que a gente ia fazer para Belo Horizonte. Se vocês quiserem, eu posso passar isso para vocês, eu tenho uma coisa mais de cotidiano mesmo, não tem, né, tanta informação assim sobre isso, mas...

JANAINA CAMPOS: Mas na sua família paterna, então prevaleceu, mesmo que antes eles não tenham essa informação do PCBR, que é bem recente, prevalecia isso de que ele foi, ele morreu em decorrência da tortura, ou teve essa versão de que foi uma fatalidade ou...?

LEONARDO: Não, eles sabem. E eu fiz questão de falar isso, porque teve uma missa, uma missa Memórias dos Desaparecidos há uns 5 anos atrás, eu fui para o púlpito e fiz questão de falar que a gente estava investigando as causas da morte, mas eu não tinha certeza que ele tinha morrido depois de tortura. Isso eu falei, estava a família toda lá, mas eles sabem, sabe muito bem, mas eles têm os valores, para mim, totalmente distorcidos. Ou até, sei lá, coerentes com a classe que eles estão, elas estão. Mas aí elas venderam a escola para o COC, mas aí a gente ainda administra os prédios, aí eu assumi isso, a minha mãe, hoje em dia, não participa mais dessa... Então, assim, na verdade a nossa família tem um pouco essa coisa, por parte do meu pai, de ficar gerindo os negócios e tem também a AVEC, que é uma ONG, que elas fazem, sei lá, natal das crianças em Acaiaca, que é onde o meu pai, o meu avô faleceu, umas coisas pontuais de... Essas coisas de homem mesmo. Eu até queria que a AVEC fosse mais atuante assim, mas...

JANAINA CAMPOS: Mas é uma, é uma família tradicional?

LEONARDO: É, mas era uma família tradicional nem tanto, porque a minha avó era filha de um imigrante, migrante sírio, o meu avô era engenheiro maquinista, ela se apaixonou pelo maquinista. Então não é uma família... Era uma família pobre, a gente... E elas contam umas histórias de pobreza, de... E eles, elas moravam em Mariana, vieram para BH, porque não conseguiram sobreviver lá depois que o meu avô saiu da RFFSA. Então são ambas as famílias de, sei lá, classe média-baixa, seria classe C. Mas um lado foi esse lado mais militante. Por exemplo, tenho vários primos que foram de tendências estudantis, a minha tia, a irmã da minha mãe, foi uma das

fundadoras do PT aqui em Belo Horizonte, em Minas, então tem esse lado militante. Já o lado do meu pai é totalmente, é classe média alta mesmo, valores, esses valores diferentes, é, digamos assim. Mas eu acho que tem a ver também, entendeu, porque se eu contasse sobre o meu pai para elas, sei lá, eu acho que elas não iam entender. A tia Carmelita sim, mas as outras tias... Ou iriam, como a gente não tem provas, ou iriam refutar completamente, ou iriam... Sabe? Há um pouco essa tensão aí nessa, nessa relação com essa parte da família. Mas sei lá, não sei se....

JANAINA CAMPOS: Você tem filhos?

LEONARDO: Tenho duas filhas.

JANAINA CAMPOS: Qual que é a idade delas?

LEONARDO: Uma tem 21 e a outra tem 18.

JANAINA CAMPOS: E como que é essa história? Como que você passa essa história para as suas filhas? Você conta?

LEONARDO: Ah, eu conto algumas coisas. Elas estiveram presentes nessa vez que eu falei para a família nessa missa, mas tem, elas sabem do básico. Eu não sei se, eu acho que não sabem dos detalhes, não, mas elas têm consciência do básico, e também eu nunca parei para conversar sobre essa história também, não. Estava esperando ter uma...

JANAINA CAMPOS: Definição.

LEONARDO: informações mais concreta para falar com elas sobre isso, mas elas sabem, elas sabem, só superficialmente assim, mas sabem. E também são, não vou dizer que são militantes, mas não, pelo menos não foram para o lado de lá.

JANAINA CAMPOS: Do outro lado.

LEONARDO: É. É, eu não sei se eu posso (trecho incompreensível), mas eu tenho, eu posso ver se eu consigo mais documentos para vocês, mas eu estou, eu estou com uma situação (trecho incompreensível). Se vocês quiserem copiar.

JANAINA CAMPOS: Para o outro lado.

LEONARDO: É. Não sei se eu posso (trecho incompreensível), mas eu posso ver se eu consigo mais documentos para vocês, mas eu tô com umas fotos. Se vocês quiserem copiar...

JANAINA CAMPOS: Eu só queria, uma última questão só. Eu queria me, sei lá, eu acho que a gente, nas nossas oitavas, a gente sempre gosta de, que a pessoa que está, tem, fez um fechamento, assim. Qual que é a reflexão em cima disso, a sua opinião, o seu sentimento em relação a toda essa história, a tudo que você nos

contou, e também se você quer trazer mais alguma outra questão que não foi perguntada, mais alguma outra coisa que você acha relevante de nos dizer, uma informação.

LEONARDO: É, eu acho que eu já falei quase tudo que eu poderia... Algumas coisas até que eu elaborei agora, eu não tinha elaborado antes, mas é... Não, o que eu diria é que realmente, nos tempos de hoje aí, que a gente enfrenta essa possibilidade de retrocesso, eu acho que é imprescindível o levantamento dessas histórias, porque os traumas, essas consequências nefastas de um estado totalitário, eles reverberam por muito tempo, com muitas pessoas e por muito tempo. Não foi uma, não é uma... Não são consequências que se restringem às pessoas diretamente atingidas, né. E isso, eu acho que é importante as pessoas saberem, porque as pessoas, ah, as pessoas pedirem intervenção militar, muitas delas são parentes de militares, né. Mas é, mas assim, de qualquer forma têm pessoas que tem essa mentalidade autoritária, que acho que não têm noção do que é um regime totalitário, e que... Você sai com promessas e nunca sabe quando termina, o acúmulo de poder e pessoas que não têm essa, não têm espírito público, sabe, não têm noção do papel delas, têm uma mentalidade excessivamente repressora, acham que a sociedade tem que ser controlada, tem que ser.... Ah, a sociedade é, ela se auto, deve ser autocontrolar, mas você colocar a responsabilidade desse controle sobre uma corporação, sobre uma... Isso é fatal para a própria coesão da sociedade, produz uma sociedade doente, porque eu acho que a sociedade brasileira é uma sociedade doente, ela não consegue equacionar a questão do espírito público, a questão da inclusão da, sabe. É uma sociedade, né, assim, a gente já sabia que era, mas esse processo todo que está acontecendo mostra que o dilaceramento interno é muito mais profundo do que a gente pensava, e isso tem muito a haver com a impunidade dessas pessoas que foram o braço, o braço civil do golpe de 64. Essas pessoas que usaram os seus poderes temporários para satisfazer perversidades, como pessoas que torturaram crianças. Então um regime totalitário, ele tem consequências para a psique, em termos de psicologia social, muito sérias, que as pessoas parecem que não, não se dão conta, e esse tipo de trabalho é imprescindível para as pessoas entenderem que não é uma, não é uma coisa tranquila, não é uma coisa trivial você apelar para um regime autoritário e tirar da sociedade a prerrogativa de se autorregular, se auto... E delegar essa prerrogativa para um grupo, isso é pernicioso demais. E as pessoas parece que não se dão conta. Pernicioso em todos os sentidos, e as pessoas minimizam muito

essa perversidade interna. Qualquer regime totalitário, dito de esquerda, dito de direita, o acúmulo de poder é pernicioso sempre. Então se esse depoimento servir para alguma coisa, eu acho que é para isso, para as pessoas entenderem que a morte de uma pessoa, ela tem consequências muito mais sérias. Essa coisa da teoria do caos, que vai, fica reverberando para sempre, assim. Então você tem várias pendências, essa questão dos ossos do meu pai, todos os detalhes que você me perguntou e que eu não sei e é difícil para mim também equacionar, são microcosmos ali, de traumas que constroem uma sociedade doente, no sentido geral, né. Então é isso. Obrigado pela oportunidade. Desculpe aí a, desculpe se eu não pude esclarecer algumas coisas mais.

JANAINA CAMPOS: Não, nós é que agradecemos a sua disponibilidade, tanto física quanto psicológica de estar aqui conversando conosco sobre isso, abrindo a sua história de vida, a história de vida da sua mãe, da sua irmã, e colaborando com os nossos trabalhos aqui, que a gente só tem a agradecer, né.

JANAINA CAMPOS: A gente espera que a gente ainda possa esclarecer outras coisas, (trecho incompreensível).

LEONARDO: É, não, pois é, eu já, eu sou bem realista nesse sentido. Eu sei que talvez essa história nunca se esclareça, sei muito bem, mas se vocês puderem colaborar...

JANAINA CAMPOS: Mas a gente também não pode deixar silenciada, né, porque se já ficou na Comissão da Verdade, na comissão do Rio, se já ficou, se deixou um pouco a desejar, a gente tem que pelo menos dar a voz à família, por exemplo, né.

LEONARDO: Sim, sim.

JANAINA CAMPOS: É, se a gente não vai conseguir esclarecer as circunstâncias todas e todos os detalhes, de qual dessas versões vai prevalecer, se vai ter uma versão que prevalecer sobre a outra, mas que pelo menos a gente consiga trazer esse lado da família, sobretudo dos filhos que é o nosso trabalho específico do que que são essas, esses lembramentos aí, das coisas.

JANAINA CAMPOS: É, bom, agora 10h30min, a gente encerra o depoimento do Leonardo aqui, com a Mariane e com a Janaína, na Covemg. Muito obrigado, Leonardo.

LEONARDO: Obrigado a vocês.